

A GUERRA DE GAZA E O DISCURSO DE NÃO IDENTIDADE PALESTINA

The Gaza war and the discourse of palestinian non-identity

La guerra de Gaza y el discurso de la no identidad palestina

Vera França¹
Chloé Leurquin²

DOI:10.31501/esf.v3i31.15316

Resumo: O objetivo deste texto é analisar o discurso de apologia da causa sionista de autoridades israelenses, bem como de negação de uma identidade palestina. Refletimos sobre a questão identitária e a polêmica do identitarismo. De que maneira o Judaísmo, o sionismo e o antissemitismo se veem articulados na construção desses discursos? Seriam os palestinos recobertos por uma *não identidade*? Os discursos expõem práticas colonizadoras, acionam bandeiras unificadoras de seu campo e buscam deslegitimar o campo inimigo.

Palavras-chave: Não identidade. Guerra de Gaza. Benjamin Netanyahu. Sionismo. Discurso.

Abstract: The aim of this text is to analyze the discourse of support for the Zionist cause by Israeli authorities, as well as the denial of a Palestinian identity. We reflect on the issue of identity and the controversy surrounding identitarianism. How are Judaism, Zionism and anti-Semitism articulated in the construction of these discourses? Are the Palestinians covered by a non-identity? The discourses expose colonizing practices, raise unifying flags for their camp and seek to delegitimize the enemy camp.

Keywords: Non-identity. Gaza War. Benjamin Netanyahu. Zionism. Discourse.

Resumen: El objetivo de este texto es analizar el discurso de apoyo a la causa sionista por parte de las autoridades israelíes, así como la negación de una identidad palestina. Reflexionamos sobre la cuestión de la identidad y la controversia del identitarismo. ¿Cómo se articulan el judaísmo, el sionismo y el antisemitismo en la construcción de estos discursos? ¿Estarían los palestinos cubiertos por una no identidad? Los discursos exponen prácticas colonizadoras, activan banderas unificadoras de su bando y buscan deslegitimar al bando enemigo.

Palabras-clave: No identidad. Guerra de Gaza. Benjamin Netanyahu. Sionismo. Discurso.

¹Doutora; Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte - MG, Brasil. veravfranca@yahoo.com.br | <https://orcid.org/0000-0001-6074-4333>.

²Doutora; Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte - MG, Brasil. chloeleurquin@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0002-1184-2655>.

1 Introdução³

Estamos vivenciando uma tragédia humanitária de grande dimensão, que é “guerra de Gaza”, o genocídio dos palestinos perpetrado pelo estado sionista de Israel. Diferente de outras grandes tragédias, que ocorreram fora de vista, como o extermínio das populações originárias das Américas, a perseguição e massacre dos próprios judeus ao longo da história, e outras, cujo grau de horror só foi exposto posteriormente (como o holocausto promovido pelos nazistas), esta é vivida em direto. O mundo inteiro assiste cenas chocantes de destruição física, moral e psicológica de um povo. Trata-se de um fenômeno, um acontecimento que só pode ser compreendido levando em conta a conjugação de múltiplos aspectos: a geopolítica, o colonialismo étnico, o racismo, o fundamentalismo religioso, a história da região e dos povos, a mescla cultural, as narrativas e discursos identitários.

Jornalistas, líderes políticos e intelectuais têm desenvolvido análises aprofundadas sobre esse acontecimento, suas causas, consequências, agentes e forças envolvidas (Oliveira, 2024; Cardoso, 2024; Tenório, 2024; Lusa, 2024; Opera Mundi, 2024). Nosso propósito aqui é modesto, focando mais especificamente em algumas questões mais ligadas ao campo comunicacional. Instigou-nos os aspectos discursivos enunciados por líderes israelenses situando quem são (sua própria identidade) e como constroem e caracterizam o outro, o inimigo. A questão que nos incita, na construção das narrativas sobre a guerra por parte desses líderes, é a questão identitária. Embora vários fatores se

³ Agradecemos as críticas dos relatores do artigo, que nos forneceram indicações preciosas para o aperfeiçoamento do texto e sobretudo para estudos posteriores.

Dossiê Acontecimentos que (nos) afetam: crises, conflitos e resistências

mesclam no atual conflito, é em nome de uma identidade e de um desígnio divino que Israel enfrenta uma pretensa ameaça do Hamas e busca legitimar seu direito à terra sagrada da Palestina⁴.

Os estudos comunicacionais enfrentam um desafio: não podemos falar de narrativas, enquadramentos discursivos, sujeitos interlocutores prescindindo do contexto mais amplo em que se situam, da situação específica que conforma a relação que estabelecem. E esse tratamento mais amplo, na maioria das vezes, ultrapassa nossa competência e/ou o escopo do texto que nos propomos a produzir. Assim é que nossa reflexão, com um foco mais reduzido e sem a pretensão de alcançar a profundidade que o tema merece, não pode prescindir de traçar um panorama – mesmo rápido - da questão da Palestina, do sionismo e dos contornos do conflito atual que ora se descortina. Na sequência, tratamos dos conceitos de identidade e identitarismo, que nos fornecem as referências analíticas para o exame de nosso corpus.

2 Palestina x Israel: o Estado sionista

A história da Palestina remonta a milênios; já foi palco de múltiplos acontecimentos, e habitada por muitos povos (Masalha, 2023; Said, 2012). No início do séc. XX, fazia parte do Império Otomano, que foi derrotado na Primeira Guerra Mundial. Após essa derrota, a Palestina, composta majoritariamente por grupos árabes, ficou sob domínio inglês. Já existia a presença de judeus, porém minoritária e inclusive bastante misturada com árabes (Mccarthy, 1990; Masalha, 2012, 2013). Ao longo

⁴ Um estudo complementar, recuperando discursos de líderes palestinos ou pró-palestinos, seria interessante e necessário – mas ultrapassaria o limite de caracteres proposto pelo periódico.

Dossiê Acontecimentos que (nos) afetam: crises, conflitos e resistências

das primeiras décadas do séc. XX, o número de judeus foi aumentando, em decorrência dos programas de incentivo promovidos pelo já instituído movimento sionista; comunidades judaicas da Europa Ocidental doaram dinheiro para a compra de terras dos árabes para migração de judeus. Em 1948, quando da criação do Estado de Israel pela ONU, um (1) milhão e 400 mil árabes habitavam a Palestina – o dobro do número de judeus, que era de 700 mil (Cardoso, 2023). Apesar disso, a partilha estabelecida pela ONU atribuiu 53% do território a esses últimos, e 47% para os árabes.

Quatro guerras árabes-israelenses eclodiram desde 1948; embora nem todas tenham resultado em vitória incontestada de Israel, este conseguiu, desde então, aumentar consideravelmente seu território, passando a ocupar 79% da Palestina. A partir de então, a população árabe fica com dois enclaves: a Cisjordânia e a Faixa de Gaza, que são identificadas como Palestina propriamente dita. Esta não tem status de Estado, não tem autonomia e permanece como território ocupado por Israel⁵. Essas duas regiões, separadas entre si e cercadas por Israel, sofrem uma opressão continuada; seus moradores se veem sujeitos a restrições materiais, prisões, assassinatos, perseguições, num cenário de conflito permanente.

Antes de falar da guerra atual, é importante identificar, mesmo brevemente, a política que orientou a fundação do Estado de Israel, o sionismo. O movimento sionista data do final do século XIX e tem como fundador o húngaro Theodor Herzl. O sionismo se apresentava como um “movimento nacional de libertação do povo judeu”, que vivia na diáspora desde o ano 70 depois de Cristo, quando o

⁵Israel faz fronteira ao sul com o Egito e a leste com a Jordânia. Ao norte, as fronteiras com a Síria e Líbano constituem zona de conflito permanente.

Dossiê Acontecimentos que (nos) afetam: crises, conflitos e resistências

império romano destruiu Jerusalém (Altman, 2024, p.16)⁶. Defendia a proposta de criar um estado nacional para os judeus, conforme o slogan “uma terra sem povo para um povo sem terra”. Naquele momento, uma das opções pensadas era ocupar algum território de baixa densidade populacional (como a Patagônia argentina, Uganda ou Congo). A proposta da criação de um estado não era unanimidade nem entre os judeus, e alguns deles acreditavam que a melhor opção para o povo era a integração nas sociedades para as quais tinham emigrado. A proposta vencedora, no entanto, manteve a ideia de criação do estado judeu, porém não numa “terra sem povo”, como apontado no slogan, mas na Palestina, naquele momento já inteiramente habitada por árabes palestinos.

O fim da Segunda Guerra Mundial e a comoção generalizada causada pela brutalidade do genocídio judeu, promovido pelo antissemitismo nazista, deu força ao movimento sionista. Em 1948 o Estado de Israel foi criado na Palestina, unindo a proposta política de um estado étnico (conforme proposto pelo sionismo) ao discurso do judaísmo, baseado em duas ideias-chave - a de “povo eleito” e de “terra prometida” -, justificativas que ligam uma identidade “especial” (povo eleito) ao direito natural à Palestina⁷. Diferentemente de outras nações, que congregam diferentes povos e tradições culturais, a ideia fundadora de Israel foi a unidade étnica – o que lhe confere um sentido de pureza racial (Khalidi, 2009; Masalha, 2023).

O antissemitismo, que eclodiu diversas vezes ao longo da história, foi sem dúvida um importante estímulo para a criação do sionismo, e o movimento sionista foi decisivo para a criação do Estado de

⁶Antes disso, a Primeira Diáspora ocorreu no ano 587 antes de Cristo, quando o Império babilônico, comandado por Nabucodonosor, invadiu o reino de Judá e deportou os judeus para a Babilônia (Altman, 2024, p. 42).

⁷ A fundação de Israel entrelaça questões e interesses geopolíticos diversos, que não será possível desenvolver aqui.

Dossiê Acontecimentos que (nos) afetam: crises, conflitos e resistências

Israel. Porém ele nunca foi unanimidade mesmo entre os judeus, e a política agressiva de Israel acabou suscitando um novo sentimento, que é o antissionista. Trata-se, no entanto, de conceitos distintos: “não se pode confundir sionismo com judaísmo, da mesma forma que não se pode confundir antissionismo, que é quem combate a corrente liderada por Theodor Herzl, com o antissemitismo, que é a discriminação racial contra os judeus (Altman, 2024, p.17). O antissionismo, longe de ser um movimento contrário aos judeus, é uma corrente de oposição ao estado colonial, que desde sua origem pressupõe a expropriação de terras e direitos de um outro povo. Desde sua criação, Israel tem implementado uma política expansionista e colonialista, criando um estado de *apartheid*, onde existe “democracia para os judeus e ditadura para os árabes-israelenses e palestinos” (Altman, 2024, p.71). Atualmente, é governado pelo primeiro-ministro de extrema direita Benjamin Netanyahu, há 16 anos no poder.

Em 7 de outubro de 2023, o conflito entre Israel e o povo palestino ganhou mais um capítulo que deu nova atualidade ao permanente conflito e uma grande visibilidade à situação de opressão da Palestina. Na data, foi posto em prática uma ofensiva do grupo Hamas contra Israel, como resposta ao sistema de controle, aos sucessivos ataques e à política de morte do qual são vítimas os palestinos. Naquela data o grupo palestino rompeu o bloqueio à Faixa de Gaza, matou e sequestrou israelenses; 1,2 mil pessoas foram mortas, a maioria civis, e sequestradas 250⁸. Altman (2024) entende que os ataques foram “uma resposta a décadas de humilhações e massacres”, e uma estratégia política que tinha como objetivo convocar a solidariedade dos povos árabes, provocar a mobilização militar direta ou

⁸No momento em que escrevemos não se sabe ao certo quantos reféns ainda permanecem presos; alguns foram trocados por prisioneiros palestinos, outros oficialmente dados por mortos, inclusive em consequência dos constantes ataques israelenses no território palestino.

Dossiê Acontecimentos que (nos) afetam: crises, conflitos e resistências

indireta do Irã e impedir e reverter a aproximação em curso da Arábia Saudita e dos Emirados Árabes com Israel (Altman, 2024, p.35).

O grupo Hamas se inscreve dentro da corrente religiosa islâmica sunita e é, ao mesmo tempo, um partido político, uma organização militar e uma entidade beneficente. Oriundo da Irmandade Muçulmana, tornou-se, em determinado momento, defensor da luta armada como solução para as opressões sofridas pelo povo palestino por parte do estado de Israel. Diante das tentativas frustradas de resolução do conflito, e do fracasso dos acordos de Oslo⁹, o Hamas ganhou adesão entre os jovens. Em 2006, sob o governo de Mahmoud Abbas, teve expressiva votação nas eleições para o Conselho Nacional Palestino, tornando-se a principal direção política na faixa de Gaza. O grupo desbancou outros, como o tradicional Fatah, em um pleito considerado legítimo inclusive por observadores da União Europeia e dos Estados Unidos.

A vitória não foi reconhecida por Israel que, junto com os Estados Unidos e a União Europeia, determinaram um bloqueio de recursos financeiros que pudessem beneficiar o Hamas. A partir daí, Israel impôs um bloqueio total à Faixa de Gaza, restringindo a entrada e saída de pessoas e produtos, inaugurando um cerco que já dura 16 anos. A região foi transformada em uma prisão a céu aberto: os sistemas de água e eletricidade e a entrada e saída de pessoas são completamente controlados por Israel.

⁹Os acordos de Oslo foram tentativas de pacificar os conflitos entre Palestina e Israel. Eles ocorreram em 1993, na Cidade de Oslo, na Noruega, entre o governo de Israel e a Organização para a Libertação da Palestina (OLP), sob a figura de Yitzhak Rabin e Yasser Arafat, respectivamente. Dois anos após o acordo, o primeiro-ministro de Israel foi assassinado por um israelense contrário aos acordos e não houve mais avanço nas negociações.

Dossiê Acontecimentos que (nos) afetam: crises, conflitos e resistências

Essa dominação colonial que se prolonga por décadas, e tem revelado sua face de verdadeira política de extermínio, se agudiza ainda mais a partir do atentado de 7 de outubro. No momento que escrevemos, a quantidade de mortos ultrapassa 40 mil palestinos (Picheta, 2024). Além deles, jornalistas, médicos e pessoas das organizações de socorro humanitário também estão sendo mortas. Casas, escolas, universidades e hospitais foram destruídos, formando o que a Agência das Nações Unidas para os Refugiados da Palestina trata como indescritível, afirmando que a remoção dos escombros levará anos e a cura do trauma psicológico, ainda mais tempo (Lusa, 2024).

As forças de defesa de Israel, de forma desproporcional, disparam intensos ataques por via aérea, terrestre e marítima, inclusive em campos de refugiados (O Globo, 2024), como na região de Nuseirat, em junho de 2024, uma zona humanitária. Diversas imagens do ataque em questão circularam nas redes sociais: incêndios, vítimas ensanguentadas, colunas de fumaça subindo, cadáveres cobertos por lençóis, ou até pessoas desesperadas tentando vasculhar escombros com as mãos. Governos locais, como Jordânia, Irã e Egito, denunciam o massacre. Diante da gravidade da situação, o governo brasileiro, na figura do presidente Lula, tem manifestado apoio à causa Palestina, ao mesmo tempo em que denuncia a atuação genocida de Israel. Outros países, como Irlanda, Noruega e Espanha, seguem o mesmo exemplo; manifestações massivas por todo o mundo clamam por um cessar-fogo em Gaza.

3 Identidade x identitarismo

A construção do sionismo e, antes disso, a própria trajetória do povo judeu que, peregrinando, sendo acolhido e sendo expulso de diferentes países, manteve-se enquanto tal, indicam a forte e

Dossiê Acontecimentos que (nos) afetam: crises, conflitos e resistências

duradoura presença do sentimento identitário, de uma “identidade judaica” consolidada, enraizada em tradições, valores, práticas e fundamentos religiosos. Questões identitárias estão presentes na estruturação de uma sociedade e nas relações que se estabelecem entre diferentes nações e grupos étnicos, o que nos incita a explorar a natureza mesma do conceito.

O conceito de identidade é constituído por uma dupla natureza, e incorpora duas dimensões tensionadas reciprocamente (ou que se relacionam de forma dialética): uma natureza simbólica e uma dimensão pragmática, ou comportamental. Identidade compreende primeiramente um conjunto de representações, uma construção discursiva que atribui características, orienta uma forma de inserção social e estabelece lugares e valores a indivíduos e coletividades. Ao mesmo tempo, e de forma espelhada, se refere a esses mesmos lugares e às práticas e comportamentos que lhes correspondem.

Essas duas dimensões são indicadas por Hall, através da articulação entre narrativa e posicionamento: "As identidades, longe de estarem alicerçadas numa simples “recuperação” do passado (...), são apenas os nomes que aplicamos às diferentes maneiras que nos posicionam, e pelas quais nos posicionamos, nas narrativas do passado" (Hall, 1996, p. 69). Referem-se a "pontos instáveis de identificação ou sutura, feitos no interior dos discursos, da cultura e da história. Não uma essência, mas um posicionamento" (Hall, 1996, p.70). Identidade são discursos de clara implicação política, pois se desdobram em ações, posicionamentos e relações de poder entre diferentes grupos de uma sociedade.

A questão identitária está muito presente em nossos dias. Não por ser uma questão nova, mas como resultado de processos de conscientização e constituição de novos sujeitos sociais, os quais

Dossiê Acontecimentos que (nos) afetam: crises, conflitos e resistências

desencadeiam movimentos políticos e ensejam debates e controvérsias. As crenças e valores que alicerçam uma dada divisão de poder entre grupos e povos começam a ser percebidas em sua arbitrariedade e instrumentalidade. Ao posicionar indivíduos e grupos, identidades organizam e ao mesmo tempo justificam a estrutura hierárquica de uma sociedade. Não apenas as identidades têm pesos diferentes e se situam dentro de uma escala de valores, mas, sobretudo, elas estão estruturadas em relações: uma identidade não existe em si mesma, mas “em relação a”. Identidades são constituidoras do nós e do eles, e dos lugares que cabem a cada um.

A natureza da identidade é uma questão controversa. Ela é tratada em algumas formulações teóricas como uma essência, uma força conformadora estática e imutável, que vem do passado ou com a qual se nasce. Identidade é *aquilo que se é*, o lugar que ocupamos dentro de uma dada organização social. Tal qual uma inscrição genética, ela está lá desde sempre, aquém e além dos indivíduos. Tal perspectiva, no entanto, tem sido cada vez mais questionada, substituída pela concepção de identidades móveis. Para vários autores (Hall 2006; Silva, 2014; Baumann, 2021; França e Guimarães, 2002), as identidades estão em permanente construção, sujeitas a mudanças e atravessamentos. São transitórias, podem ser acumuladas ou mesmo conviverem de maneira contraditória em um mesmo indivíduo.

Hall fala de identidades pós-modernas e do descentramento conceitual do sujeito do Iluminismo. Resultado de várias rupturas no conhecimento moderno (como a psicanálise freudiana e o pós-estruturalismo), do surgimento de novos movimentos sociais (como o feminismo) e de outras causas, “o “sujeito” do Iluminismo, visto como tendo uma identidade fixa e estável, foi descentrado,

Dossiê Acontecimentos que (nos) afetam: crises, conflitos e resistências

resultando nas identidades, abertas, contraditórias, inacabadas, fragmentadas, do sujeito pós-moderno” (Hall, 2006, p. 46).

A concepção de identidades móveis nos revela sobretudo o quanto elas são históricas, inseridas contextualmente, e se relacionam com passado, presente e futuro. Remetem-se a experiências passadas que estruturam posições no presente; posições no presente são sempre assumidas com vistas a construir/ consolidar/ modificar o futuro. Em sua dimensão simbólica, identidades não têm compromisso de representação fidedigna de fatos e experiências vividas, mas são construídas imaginariamente: são “inventadas” (Anderson, 2008; Hobsbawm, 2012), não no sentido de falsificação, mas de re-invenção (ou invenção de segunda ordem). São objeto de escolhas arbitrárias, sujeitas a processos de esquecimento e reconstrução, que têm a ver com as forças políticas e as conjunções históricas na constituição de uma nação, na construção plural dos sujeitos sociais.

Como dissemos acima, a questão identitária está muito presente em nossos dias, sofrendo uma espécie de renascimento. As últimas décadas foram protagonizadas por diferentes movimentos e lutas empunhando essa bandeira. Grupos oprimidos e marginalizados, portadores de identidades subalternizadas e estigmatizadas, começam a se organizar para ressignificar as representações com as quais são reconhecidos, inverter o sinal negativo e fazer da identidade um motivo de orgulho e um estímulo para lutar por mudanças estruturais na sociedade. A presença dessa ênfase contemporânea no tratamento da identidade se desdobra em duas vertentes, existindo enquanto movimento social e enquanto construção teórica, com inserção relevante no campo acadêmico e nas formações epistêmicas.

Dossiê Acontecimentos que (nos) afetam: crises, conflitos e resistências

Os Estudos Culturais britânicos foram pioneiros na produção de estudos norteados pelo viés identitário, estendendo-se em seguida aos Estados Unidos, onde a “política de identidade”, nas suas duas vertentes, se desenvolveu com maior ênfase. Mas é preciso lembrar que a temática também suscitou e vem provocando severas críticas, sobretudo por ter se tornado uma bandeira de lutas. Para Madeleine Lacsco, “o identitarismo é o bebê de Rosemary das teorias críticas da Escola de Frankfurt com pós-estruturalismo francês” (Lacsco, 2023, p. 25). Conforme Wilson Gomes, “o termo “política da identidade” teria sido cunhado nos Estados Unidos, em 1974, pela socióloga negra Barbara Smith e pelo Coletivo do Rio Combahee” (Gomes, 2022, p. 57). Porém, continua o autor, o primeiro estudo acadêmico em torno desse recorte temático foi publicado em 1979, pela socióloga da Saúde Renee Anspach, intitulado *Do estigma à política de identidade: ativismo político entre as pessoas com deficiência física e ex-pacientes com problemas mentais*. Em seu trabalho, sempre segundo Gomes, Anspach promove uma caracterização detalhada do fenômeno¹⁰, inserindo, ao lado de outras formas de movimentos políticos, a “política de identidade”, que se distingue do tipo “política simbólica” ao associar à disputa pelas representações uma dada conformação do ser, ou de uma identidade. Gomes aproxima esse conceito daquele de “política da imagem”, trabalhado por ele, agregando um novo componente, que é o caráter belicoso: “não se trata, portanto, apenas de uma questão de representação, mas de uma disputa contra a sociedade, o sistema, a estrutura social” (Gomes, 2022, p. 60).

¹⁰ Anspach tem como referência protestos realizados nos Estados Unidos em 1978 por ex-pacientes de tratamento psiquiátrico e portadoras de deficiência física.

Dossiê Acontecimentos que (nos) afetam: crises, conflitos e resistências

Os movimentos e as discussões teóricas sobre a temática vêm se intensificando em diversos países, e a “política da identidade”, ou identitarismo, como passou a ser traduzida, vem sendo debatida e rejeitada tanto pela esquerda como pela direita. Pela esquerda, os estudos e as lutas identitárias foram criticados por obliterar a questão de classe e negligenciar os aspectos estruturais da sociedade, criando divisionismos e implodindo a solidariedade social, devido à quantidade e cruzamento de lutas políticas. Pela direita, a reação se deu reacendendo preconceitos e apontando culpados pela quebra da ordem social; escolas e universidades se tornaram alvos de ataques, no combate ao que foi nomeado como marxismo cultural, ideologia de gênero, abandono de valores morais e religiosos.

Entrar nessa discussão extrapola os propósitos de nosso texto, e queremos tão somente apontar os danos que essa controvérsia traz ao conceito e às lutas contra opressões identitárias. Identitarismo, ou cultura “woke”, como tem sido também pejorativamente nomeado, tornou-se sinônimo de intolerância e autoritarismo. Tomando como referência apenas a expressão brasileira dessa nova “tendência”, surgiram diferentes porta-vozes e obras dedicadas à temática: *A crise da política identitária* (Risério, 2022); *Cancelando o cancelamento. Como o identitarismo da militância tabajara ameaça a democracia* (Lacsko, 2023) são apenas alguns exemplos, agregando posicionamentos da direita e extrema-direita e outros que se afirmam do campo democrático.

Vale lembrar que o sufixo “ismo” não é inofensivo, e denota uma ideologização da identidade, quando não um adoecimento. Esse movimento crítico também não é inofensivo; sua investida se dirige ao suposto autoritarismo e falta de embasamento daqueles que levantam a bandeira identitária, denuncia a rapidez dos cancelamentos e julgamentos sumários promovidos em nome dessa

Dossiê Acontecimentos que (nos) afetam: crises, conflitos e resistências

perspectiva, e aponta o quanto esses militantes “de uma certa esquerda” se mostram refratários a qualquer tipo de crítica. Acontece, no entanto, que os críticos do “identitarismo” reagem no mesmo tom belicoso e intolerante; denunciam a polarização tóxica, mas se inscrevem com frequência na mesma toxicidade.

Críticos do identitarismo localizam o fenômeno na sua expressão acadêmica¹¹ e em algumas intervenções e denúncias de preconceitos e abusos feitas por pessoas e grupos em razão de raça ou gênero - e que seriam descabidas e usadas em interesse próprio. Já o título de um artigo de Gomes é bastante significativo do enquadramento dado pelo autor aos “identitaristas”: *Pequeno manual identitário para silenciar os críticos e se blindar contra a crítica e o dissenso em 5 passos*, apontando o uso instrumental do pertencimento à minoria, “a desqualificação da autoridade do crítico para opinar e o monopólio moral e intelectual sobre a fala” (Gomes, 2022b, p. 15).

Como fica evidente, e em coro com outros autores, Gomes faz críticas muito severas aos militantes da política da identidade, que (nessa perspectiva) se mostram portadores de superioridade moral, são vitimistas, estão em estado de beligerância permanente e se blindam contra qualquer objeção ou dissenso (Gomes, 2020; 2022a; 2022c). Ao mesmo tempo, não mostram coesão e são suscetíveis de disputas internas¹².

¹¹ Referindo-se a fenômenos “ligados às correntes políticas mais nefastas da história da humanidade”, Lacsko identifica o identitarismo como “o primeiro que conseguiu entrar na universidade e passar a ser tratado como ciência”. Contaminou também a imprensa e fez com que seus dogmas fossem tratados como verdades ou explicação de fenômenos” (Lacsko, 2023, p. 25).

¹² Referindo-se ao BBB 21, que suscitou várias polêmicas em torno de alguns participantes negros, Gomes (2021) registrou em entrevista à BBC News Brasil: “Esse BBB se tornou um laboratório a céu aberto da fragmentação dessa esquerda identitária que não tem um modelo de sociedade, que é dividida em tribos e que não concilia o discurso da diferença com o da igualdade”.

Dossiê Acontecimentos que (nos) afetam: crises, conflitos e resistências

O identitarismo enquanto posição ou ideologia diz respeito predominantemente a questões raciais e gênero, mas Gomes usou da mesma métrica para criticar a esquerda radical que, no conflito Israel-Palestina, assume uma posição pró-Palestina: "enquanto soldadinhos da militância incondicional da "causa palestina", o que se vê é uma esquerda ignorante, fanatizada e estúpida que divide o mundo em dois corredores, o da virtude e o da depravação, sem terceira opção" (Gomes, 2023).

E aqui retornamos ao eixo de nossa reflexão e às implicações políticas da identidade. Não desconhecemos exageros e radicalismos promovidos em nome da identidade, e eles devem ser combatidos enquanto tal - casos em que se faz um uso descabido do pertencimento a grupos excluídos e/ou estigmatizados como forma de defender interesses e posições individuais. Mas a criação de uma contracorrente que engloba e generaliza ocorrências pontuais sob a etiqueta do "identitarismo" e "esquerda obtusa" adquire uma outra dimensão, e se mostra muito nefasta. A criação de uma teoria anti-identitária tira a legitimidade da questão maior e esvazia o importante papel político da identidade.

A política da identidade não explica e não dá conta, isoladamente, dos grandes problemas e das necessárias mudanças (revoluções) que devem ser feitas na sociedade capitalista, imperialista, excludente que hoje existe em escala mundial. Porém retirar a questão identitária é neutralizar um elemento simbólico/discursivo fundamental para a compreensão dos projetos e processos de dominação.

4 A construção do Nós judeus e a desumanização do *Eles* palestinos

O confronto Israel/ Palestina é uma questão eminentemente política, não há dúvida. Trata-se de uma disputa de poder e de um projeto de dominação colonial que perdura há anos. Como dissemos acima, numa guerra, a identidade joga um papel muito importante, pois fornece a base simbólica do conflito. Nos limites de nosso estudo, e sem negligenciar outros fatores, vale enfatizar a maneira como o simbólico atua e como está sendo resgatado nessa fase do conflito: não se trata de complemento, mas de substância que alimenta a política. Interesses e direitos identitários, “nós e o outro”, estão no cerne da guerra e do genocídio

O expansionismo sionista e a eliminação do “outro” são escudados por um duplo revestimento identitário. A identidade judaica (que não é igual ao sionismo, vale sempre lembrar) é uma marca distintiva da história milenar de um povo que, expulso de sua terra, nunca se integrou totalmente nas sociedades em que seus diversos grupos se estabeleceram, sofrendo perseguições e tentativas de extermínio (Said, 2012; Khalidi, 2009). É em nome dessa identidade que o sionismo, configurado inicialmente sob as bases seculares de um nacionalismo étnico, se alimentou do judaísmo para empreender sua marcha de conquista de um território. A história religiosa do povo judeu, e seu enraizamento originário nas terras da atual Palestina, se mostrou oportuna para justificar o “direito” de Israel de se estabelecer naquele local.

Essa ocupação, por outro lado, vem implicando a expulsão de um outro povo que, também historicamente enraizado na região, pode não apenas reivindicar o mesmo direito de pertencimento,

Dossiê Acontecimentos que (nos) afetam: crises, conflitos e resistências

mas resgatar nesse movimento sua própria identidade¹³. Tal enquadramento seria extremamente desfavorável a Israel, pois expõe sua posição colonial imperialista; de povo perseguido para nação perseguidora.

Sua estratégia legitimadora resgata então uma segunda dimensão identitária: a “falta de identidade” do outro. Expulsar um povo que se reconhece enquanto tal e compartilha uma história naquele mesmo território teria um peso simbólico muito forte – peso que pode ser atenuado privando-o de especificidade. Não existiriam “palestinos” propriamente ditos, mas habitantes da terra que pertence a Israel.

Extratos de alguns discursos de líderes sionistas evidenciam claramente esse duplo movimento simbólico: o reforço do “nós, judeus”, povo histórico, tem como contrapartida a desqualificação e a desumanização do inimigo, tratados não como povo, mas como aqueles que se opõem e querem destruir o Estado de Israel. Esse movimento pode ser percebido através de um exercício preliminar de recuperação de algumas imagens e elementos simbólicos utilizados por esses líderes para consolidar e legitimar sua própria identidade, assim como para retirar a identidade do inimigo, ocupante do território que lhes pertence.

Para tanto, servimo-nos de um pequeno corpus, recortando algumas falas de figuras representativas de Israel nomeando os palestinos como esse outro com o qual se confrontam.

¹³ Num estudo mais amplo seria extremamente rico explorar e desenvolver a questão da identidade árabe, os sucessivos movimentos que marcaram a história do Oriente Médio, a relação com o Ocidente e particularmente com a Europa (veja-se, a propósito, a obra seminal de Edward Saïd: *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*, entre diversos outros autores que tratam do tema). Como dissemos no início, por uma questão de espaço optamos por nos limitar, neste texto, aos discursos e posições identitárias assumidas por Israel.

Dossiê Acontecimentos que (nos) afetam: crises, conflitos e resistências

Buscamos uma declaração da ex-primeira-ministra Golda Meir¹⁴ sobre os palestinos, que suscitou polêmicas na época, e pronunciamentos recentes do primeiro-ministro Benjamin Netanyahu (Netanyahu, 2023; 2023a) e do embaixador de Israel na ONU, Gilad Erdan (Erdan, 2023). Também nos apoiamos em um documento formulado pela África do Sul e apresentado à Corte Internacional de Justiça da ONU, em 2023, acusando formalmente Israel de cometer genocídio contra o povo palestino (África do Sul, 2023).

4.1 Eles não existem como povo

Esta teria sido a formulação de Golda Meir, conhecida como a Dama de ferro do Oriente Médio, expressando a tese de que os palestinos são um povo “inventado”. Em entrevista que concedeu para o *Sunday Times* e o *Washington Post* em junho de 1969, chegou a dizer que

Não há algo assim como palestinos (...) Não é como se houvesse um povo palestino na Palestina considerando a si mesmo como um povo e nós viéssemos, os jogássemos fora e tomássemos deles o seu país. Eles não existem e têm em Arafat, nascido no Egito, o seu líder.

Após a repercussão desse pronunciamento, Golda Meir buscou se retratar, em uma entrevista que concedeu ao jornal *The New York Times* em 14 de janeiro de 1976. Nele, afirma que foi citada incorretamente e tenta “esclarecer sua posição em relação à questão palestina”:

Fui acusada de ser rigidamente insensível à questão dos árabes palestinos. Como prova disso, supostamente eu teria dito: “Não há palestinos”. As minhas palavras reais foram: “Não existe povo

¹⁴Golda Meir foi das figuras fundadoras de Israel, e atuou como primeira-ministra do estado sionista entre fevereiro de 1969 e junho de 1974, sendo uma das protagonistas da Guerra de Yom Kippur.

Dossiê Acontecimentos que (nos) afetam: crises, conflitos e resistências

palestino. Existem refugiados palestinos.” A distinção não é semântica. A minha declaração baseou-se numa vida inteira de debates com nacionalistas árabes que excluíram veementemente das suas formulações um nacionalismo árabe palestino separatista. (Meir, 1976).

O esclarecimento não retirou – antes reafirma - a questão central, que é a não identidade dos refugiados árabes “ocupantes” do território da Palestina; não existe povo palestino e, consequentemente, esse povo que não existe não tem um país.

No entanto, a Palestina é e continua sendo habitada por uma população; há cidades, homens, mulheres, velhos e crianças que ali nasceram, vivem e ali estão morrendo. Quem são eles, esses “refugiados árabes”?

4.2 Eles são terroristas

Recortamos algumas falas que expressam claramente, e sem eufemismo, o enquadramento dado aos palestinos: eles são terroristas. Não são um povo, são pessoas que odeiam e conspiram contra os judeus: “em Gaza, sem exceção, todos são terroristas, filhos da puta” (Ex-membro do Knesset, Danny Neumann, em entrevista concedida ao Middle East Eye, em dezembro de 2023; África do Sul, 2023). A animalização desses inimigos é explícita: “estamos lutando contra animais humanos” (Ministro da Defesa Yoav Gallant, em 9 de outubro de 2023; África do Sul, 2023). Como selvagens, devem ser eliminados sem diálogo: “o erro de dialogar com esses selvagens acabou” (Embaixador de Israel Gilad Erdan, em 8 de outubro de 2023; África do Sul, 2023). Palestinos são os responsáveis pelo conflito, desenvolvem uma campanha de ódio contra Israel e estimulam ações antissemitas: “palestinos devem parar de vomitar o ódio aos judeus e finalmente reconciliar-se com o estado

Dossiê Acontecimentos que (nos) afetam: crises, conflitos e resistências

judeu” (Netanyahu, 2023); “o líder palestino Mahmoud Abbas deve parar de espalhar as horríveis conspirações antisemitas contra o povo judeu e o estado judeu” (Netanyahu, 2023).

O atentado de 7 de outubro foi, de fato, traduzido por Israel e repetido por autoridades e mídia do mundo todo como um atentado terrorista, e não como resposta de um povo que vem sendo oprimido e eliminado há décadas em um conflito colonial. Esse enquadramento do atentado trouxe a legitimidade necessária para a tese da autodefesa de Israel, para a qualificação do Hamas como grupo terrorista, para a ocupação e destruição de Gaza e para o assassinato dos palestinos: “dizemos que o Hamas deve ser destruído, isso também significa aqueles que celebram, aqueles que apoiam e aqueles que distribuem doces – são todos terroristas e também deveriam ser destruídos” (Ministro israelense da Segurança Nacional Itamar Ben-Gvi, em 10 de novembro de 2023; África do Sul, 2023).

O discurso de morte aos palestinos não faz uso de meio-termo e se apresenta como bandeira de uma luta do bem contra o mal, da civilização contra a barbárie que extrapola o conflito no Oriente Médio. Esse mal deve ser cortado pela raiz: “(...) apague a memória deles. Apague-os, suas famílias, mães e filhos. Esses animais não podem mais viver” (Ministro da Defesa Yoav Gallant, em 11 de outubro de 2023; África do Sul, 2023); “esta é uma batalha não só de Israel contra estes bárbaros, é uma batalha da civilização contra a barbárie” (Benjamin Netanyahu, em mensagem de natal de 2023; África do Sul, 2023).

Não é preciso dizer muita coisa sobre esse discurso de ódio e seus efeitos: criar um estado de espírito de incentivo à eliminação desse povo, justificar o genocídio perpetrado.

Dossiê Acontecimentos que (nos) afetam: crises, conflitos e resistências

4.3 Eles são os braços do eixo do mal

Seguindo a lógica de classificar o povo palestino como monstruoso, Benjamin Netanyahu faz uma série de declarações sobre sua relação com o Irã. Nelas, a Palestina é considerada um braço do Irã, tido como poderoso financiador de práticas terroristas: “o Irã continua gastando milhares de milhões para armar os seus representantes terroristas”. E alerta: “avisei sobre os tiranos de Teerã. Eles não passam de uma maldição” (Netanyahu, 2023). Os palestinos são referenciados como “tentáculos terroristas”, aliados de um plano de dominação global: “se Hamas e o eixo do mal do Irã vencerem, amanhã vocês serão as vítimas” (Netanyahu, 2023).

O povo de Israel, por sua vez, é apresentado como único capaz de contrapor essa força: “aproveitemos a nossa determinação e a nossa coragem para pôr fim à maldição de um Irã nuclear e fazer recuar o seu fanatismo e agressividade” (Netanyahu, 2023).

Assim, os palestinos seriam massa de manobra, e, portanto, uma ameaça mundial, tendo em vista a instabilidade e a maldade que os caracteriza. Em contraposição a esse eixo do mal, teria surgido como uma dádiva, “uma grande bênção que pude ver no horizonte” (Netanyahu, 2023), a aproximação de Israel a outros estados árabes: “a ameaça comum do Irã aproximou Israel e muitos estados árabes mais do que nunca, numa amizade que nunca vi na minha vida” (Netanyahu, 2023). Essa aproximação (resultado de negociações com elites árabes nas quais os Estados Unidos tiveram um papel fundamental) é apresentada como uma trégua religiosa entre povos civilizados em prol do combate a um mal absoluto.

Dossiê Acontecimentos que (nos) afetam: crises, conflitos e resistências

A dicotomia do bem x mal é reforçada com metáforas religiosas em outras falas de Benjamin Netanyahu: “[esta] é a guerra entre os filhos da luz e os filhos das trevas” (Netanyahu, 2023). A herança negativa reforça a impossibilidade do reconhecimento dos inimigos como um povo digno ou de uma coexistência pacífica entre eles: “Com a ajuda de Deus, com a força que temos em comum, com nossa fé no eterno de Israel, venceremos (...) Hamas deve ser considerado um inimigo da civilização” (Netanyahu, 2023), pois “somos nós ou eles” (Netanyahu, 2023).

A associação com o Irã mais uma vez retira a especificidade dos palestinos e sua condição de povo oprimido, transformados em massa de manobra, agentes e parte dos “filhos das trevas”.

4.4 Essa terra nos pertence

Lideranças israelenses também buscam reforçar que o espaço físico que ocupam lhes pertence por direito (a terra prometida), utilizando-se de passagens bíblicas como argumento de autoridade. Uma das histórias repetidas é a de Amaleque, que envolve ciúmes e inveja contra Israel, por ter sido preterido por Deus¹⁵. O lema “limpar a semente de Amaleque” (Soldados do exército Israelita Yinon Magal, em 7 de dezembro de 2023; África do Sul, 2023), é uma chamada ao extermínio dos povos que habitam a suposta terra prometida. O movimento de dominação é camuflado pelo sentimento de vingança respaldado, por sua vez, em mitos religiosos que confundem e misturam fatos históricos e

¹⁵ Na Bíblia (Antigo Testamento) e no Torá, Amaleque era neto de Esaú, e teria desenvolvido grande ciúme da escolha de Deus pela linhagem de Jacó (irmão gêmeo de Esaú). Seus descendentes, os amalequitas, eram inimigos históricos dos israelitas e tiveram com eles inúmeros confrontos.

Dossiê Acontecimentos que (nos) afetam: crises, conflitos e resistências

contemporâneos: “deveis lembrar-vos do que Amaleque vos fez” (Benjamin Netanyahu, em 28 de outubro de 2023; África do Sul, 2023).

Assim, o embate bélico também é estimulado: “a bíblia diz que há um tempo para a paz e um tempo para a guerra” (Netanyahu, 2023), enaltecendo exemplos estratégicos de extermínio: “no terceiro dia, quando estavam com dores, Simeão e Levi, dois dos filhos de Jacó, irmãos de Diná, pegaram cada um a sua espada, chegaram à cidade sem serem molestados e mataram todos os homens” (Comandante do 2.908º Batalhão do exército israelense, Yair Ben David, em 21 de dezembro de 2023; África do Sul, 2023).

A identificação com o povo escolhido por Deus também é utilizada na construção de um “nós” sionista heroico, que mistura luta nacionalista e guerra religiosa: “aos soldados: vocês são a continuação dos heróis do povo judeu; de Josué, Judá Macabeu, dos heróis de 1948 e de todas as guerras de Israel (Netanyahu, 2023). O uso de passagens bíblicas é feito como forma de justificar o massacre contra um povo que seria descendente do inimigo de Deus, bem como a recuperação de uma terra que lhes pertence por direito divino. Eles defendem “não apenas a existência do estado judeu, mas também o direito do povo judeu de ter um estado próprio na sua pátria histórica, a terra de Israel” (Netanyahu, 2023).

4.5 Um novo Oriente Médio

A ideia de construção de um Oriente Médio sem a presença palestina é difundida por autoridades israelenses inclusive através de mapas. Em reunião da ONU, em 22 de setembro de 2023,

Dossiê Acontecimentos que (nos) afetam: crises, conflitos e resistências

Benjamin Netanyahu reafirma o apoio que possui de outros países e apresenta um mapa que ilustra um corredor ligando a Ásia à Europa, ignorando a Palestina: “na conferência do G20, o presidente Biden, o primeiro-ministro Modi e os líderes europeus e árabes anunciaram planos para um corredor visionário que se estenderá pela península arábica e por Israel” (Netanyahu, 2023). A Palestina, nesse cenário, aparece como um detalhe gerador de caos a ser apagado do mapa: “Vamos trazer as bênçãos de um novo Oriente Médio que transformará terras outrora dominadas pelo conflito e pelo caos em campos de prosperidade e paz” (Netanyahu, 2023).

A aplicação do plano de um novo Oriente Médio é apresentada como possibilidade de promoção da paz na região na qual Israel estaria encurralado pela hostilidade: “aqui está Israel em 1948. É um país minúsculo, isolado, rodeado por um mundo árabe hostil” (Netanyahu, 2023). A Palestina aparece como um povo malquisto, que não deve ter o direito de atrapalhar as articulações e tratados entre judeus sionistas e estados árabes: “Acredito que não devemos dar aos palestinos o direito de veto sobre novos tratados de paz com estados árabes” (Netanyahu, 2023). Essa suposta reconciliação entre os povos de diferentes religiões é utilizada como argumento de que são os palestinos os responsáveis por promover o caos na região: “quando os palestinos virem que a maior parte do mundo árabe se reconciliou com o estado judeu, também eles estarão mais propensos a abandonar a fantasia de destruir Israel” (Netanyahu, 2023). As afirmações negam a história de disputas territoriais e a expulsão dos palestinos das regiões que ocupavam antes da criação de Israel, colocando-os como promotores insensatos de conflitos.

5 Considerações finais

Como dissemos no início, escolhemos a lente da identidade, numa abordagem comunicacional, para tratar de uma questão histórica, social e política que se estende muito além do ângulo explorado neste texto. Trata-se, portanto, de uma reflexão que não substitui, mas, antes, busca complementar análises geopolíticas de maior alcance. Discursos não explicam uma guerra, mas ajudam a justificá-la. Representações atuam na coesão de um povo, e a criação da sua identidade é fundada tanto em elementos simbólicos que estabelecem um “nós” como naqueles que criam o “outro”.

A estratégia discursiva de Israel visa se apresentar como um país de um povo escolhido que habita a terra prometida por Deus. A identidade evocada pelas autoridades é uma identidade hebraica, que prega a ideia de que eles são um povo escolhido, perseguido e invejado por outros, detentores de uma verdade absoluta e da firmeza necessária para não se dobrar diante dos desafios.

As falas recortadas evidenciaram tanto esse movimento de fortalecimento do nós, israelitas, como de constituição do inimigo que ameaça sua existência, numa dinâmica de inversão da realidade: hoje é Israel que desenvolve uma política expansionista, e são os palestinos que sofrem uma prática de extermínio. Assim como a categoria “judeu” foi utilizada pelos nazistas para fortalecer o sentimento nacionalista alemão, o “outro” de Israel é personificado pelo Irã e pelos terroristas que ele implantou na Palestina para destruir o estado sionista. Os palestinos, nesse sentido, aparecem num lugar de não identidade, como animais manipulados pela força do mal. Irã e Amaleque são figuras usadas para apagar e neutralizar qualquer empatia com os palestinos, com um povo que também historicamente

Dossiê Acontecimentos que (nos) afetam: crises, conflitos e resistências

partilha daquele território e está sendo dizimado. Civis e militantes políticos se tornam indiferenciados; filhos, mães e esposas fazem parte e perpetuam esse exército de bárbaros.

Podemos observar, dessa forma, um duplo movimento, em que a identidade tanto justifica as ações dos israelitas (identidade positiva) como o extermínio do outro irracional, animalesco (identidade negativa).

Do ponto de vista da criação de uma imagem externa, os líderes de Israel utilizam a comoção gerada pelo holocausto como uma espécie de álibi para sua intervenção genocida. A estratégia discursiva é de constante associação do antissionismo com o antissemitismo para constranger aqueles que criticam Israel, acusando-os de se associarem à histórica perseguição dos judeus e se mostrarem coniventes com um dos maiores crimes da humanidade, perpetrado pelos nazistas. Há uma tentativa de resumir o povo judeu ao povo israelita, apagando a existência de judeus que se opõem veementemente à lógica racista sionista e inclusive a denunciam como uma ideologia política racista e supremacista.

Retomando um último aspecto tratado em nossa reflexão - o discurso anti-identitário -, queremos enfatizar que essa crítica extremada acaba por ocultar o papel concreto das identidades na configuração da relação entre os povos. Identidade é um fenômeno social, de ordem simbólica, que intervém na estruturação de uma sociedade. Representações impulsionam ações, justificam a hierarquização de grupos sociais. Nesse sentido, é importante perceber o papel da identidade tanto para oprimir como para se rebelar contra a opressão.

Dossiê Acontecimentos que (nos) afetam: crises, conflitos e resistências

A crítica do identitarismo, da maneira como está sendo feita - seja aplicada aos coletivos de raça e gênero ou (como o que tratamos aqui) aos simpatizantes da causa palestina - oblitera o contexto estrutural, invisibiliza o tecido mais amplo onde se dá o jogo das identidades. A crítica a "uma certa esquerda" que se posiciona contra o genocídio palestino atua como defesa da intervenção sionista ou, na melhor das hipóteses, iguala os participantes de um lado e do outro. Falta-lhe a dimensão histórica e uma visão geopolítica. Identidades historicamente negadas e oprimidas não estão em igualdade de condições com o opressor. Defendemos o uso do conceito, a lente da identidade como um instrumento analítico que nos permite radiografar os fundamentos simbólicos de um processo de dominação e a própria natureza dos conflitos que, em seu nome, se desenrolam.

Dossiê Acontecimentos que (nos) afetam: crises, conflitos e resistências

Referências

África do Sul (2023) *Application Instituting Proceedings*.

<https://www.ici-cij.org/sites/default/files/case-related/192/192-20231228-app-01-00-en.pdf>

Altman, B. (2023). *Contra o sionismo: retrato de uma doutrina colonial e racista*. Alameda.

Anderson, B. (2008). *Comunidades imaginadas*. Companhia das Letras.

Bauman, Z. (2021). *Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi*. Zahar.

Cardoso, J. (2023, 15 de outubro). Entenda a evolução de territórios palestinos e israelenses. *Poder 360*.

<https://www.poder360.com.br/internacional/entenda-a-evolucao-de-territorios-palestinos-e-israelenses/>

Cardoso, J. (2024, 14 de outubro) Leia em 6 gráficos um raio-x da guerra entre Israel e Hamas. *Poder 360*.

<https://www.poder360.com.br/poder-internacional/leia-em-6-graficos-um-raio-x-da-guerra-entre-israel-e-hamas/>

Erdan, G. (2023, 8 de outubro). “O erro de dialogar com esses selvagens acabou”, diz embaixador de Israel na ONU sobre Hamas. *Metrópoles* [Video] YouTube

<https://www.youtube.com/watch?v=POwRCZUBmAc>

França, V. & Guimarães, C. (2002). *Imagens do Brasil: modos de ver, modos de conviver*. Autêntica.

Gaza deixa pelo menos 90 mortos, diz Ministério da Saúde do enclave. (2024, 13 de julho). *O Globo*.

<https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2024/07/13/ataque-israelense-a-campo-de-refugiados-no-sul-de-gaza-deixa-pelo-menos-70-mortos-diz-ministerio-da-saude-do-enclave.ghtml>

Gomes, W. (2020, 26 de setembro) *Identitarismo e cancelamento-#50, com Wilson Gomes*.

<https://www.youtube.com/watch?v=gXNwE6FrXI>

Gomes, W. (2021, 11 de fevereiro) BBB21: ‘Esquerda criou palco, ganhou espelho e não gostou do que viu’, diz filósofo sobre reality. *BBC News Brasil*.

<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56014519>

Gomes, W. (2022a, 21 de janeiro). Dois problemas democráticos da política identitária. *Revista cult*.

<https://revistacult.uol.com.br/home/dois-problemas-democraticos-da-politica-identitaria/>

Gomes, W. (2022b). Pequeno manual identitário para silenciar os críticos e se blindar contra a crítica e o dissenso em 5 passos. In Risério, A. (Org.). *A Crise da Política Identitária*. (pp. 15-18). Topbooks.

Gomes, W. (2022c). Caminhos e descaminhos da política de identidade hoje: origem, ideologia e estratégias. In Risério, A. (Org.). *A Crise da Política Identitária*. (pp. 50-93). Topbooks.

Dossiê Acontecimentos que (nos) afetam: crises, conflitos e resistências

Gomes, W. (2023, 3 de novembro). O conflito Israel-Palestina: uma perspectiva crítica para além do corredor moral da esquerda. *Revista Cult.* revistacult.uol.com.br/home/israel-palestina-perspectiva-critica/

Hall, S. (1996). Identidade cultural e diáspora. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Cidadania*, 24.

Hall, S. (2006). *Identidades culturais na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro (11. ed.).

Hobsbawm, E.; Ranger, T. (2012). *A invenção das tradições*. Paz e Terra.

Khalid, R. (2009). *Palestinian Identity: The Construction of Modern National Consciousness*. Columbia University Press.

Lacsko, M. (2023). *Cancelando o cancelamento - como o identitarismo da militância tabajara ameaça a democracia*. Editora LVM.

Lusa (2024, 10 de junho). Agência da ONU diz que destruição de Gaza é indescritível. *Agência Brasil*. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2024-06/agencia-da-onu-diz-que-destruicao-de-gaza-e-indescritivel>

Lusa (2024, 14 de novembro) ONU: guerra de Israel em Gaza tem características de genocídio. *Agência Brasil*. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2024-11/onu-guerra-de-israel-em-gaza-tem-caracteristicas-de-genocidio>

Masalha, N. (2023). *Palestina: quatro mil anos de história*. Monitor do Oriente.

Masalha, N. (2012). *The Palestine Nakba: Decolonising History, Narrating the Subaltern, Reclaiming Memory*. Zed Books

Masalha, N. (2013). *The Zionist Bible: Biblical Precedent, Colonialism and the Erasure of Memory*. Routledge.

McCarthy, J. (1990). *The Population of Palestine: Population History and Statistics of the Late Ottoman Period and the Mandate*. Columbia University Press.

Meir, G. (1976, 14 de janeiro). Golda Meir on the palestinians. *The New York Times*. <https://aish.com/golda-meir-on-the-palestinians/>

Netanyahu, B. (2023, 22 de setembro). *WATCH: Israeli Prime Minister Benjamin Netanyahu addresses the 2023 United Nations General Assembly*. PBS NewsHour. [Video] YouTube <https://www.youtube.com/watch?v=kNH85jgzJ0Y>

Dossiê Acontecimentos que (nos) afetam: crises, conflitos e resistências

Netanyahu, B. (2023a, 7 de outubro). 'Estamos em guerra', diz primeiro-ministro de Israel após ataque. *Folha de S. Paulo*. [Video] YouTube <https://www.youtube.com/watch?v=knCbD6juQb0>.

Oliveira, R. (2024) *Gaza no coração: história, resistência e solidariedade na Palestina*. Elefante.

Opera Mundi (2024, 31 de maio). Reconhecimento da Palestina permite a contestação da ocupação de Israel, avalia Arturo Hartmann. *Opera Mundi*.

<https://operamundi.uol.com.br/guerra-israel-x-palestina/reconhecimento-da-palestina-permite-a-contestacao-da-ocupacao-de-israel-avalia-arturo-hartmann/>

Picheta, R. (2024, 15 de agosto). Número de palestinos mortos em Gaza passa de 40 mil, diz Ministério da Saúde. *CNN Brasil*.

<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/numero-de-palestinos-mortos-em-gaza-passa-de-40-mil-diz-ministerio-da-saude/#:~:text=Educação-,Número%20de%20palestinos%20mortos%20em%20Gaza%20passa.mil%2C%20diz%20Ministério%20da%20Saúde>

Risério, A. (2022). *A crise da política identitária*. Topbooks Editora.

Said, E. (2012). *A questão Palestina*. Editora Unesp.

Silva, T. (org.) (2014). *Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais*. (15. ed.). Vozes.

Tenório, S. (2024, 9 de outubro). Um ano de vitórias da Resistência heroica de Gaza. *Brasil de Fato*.

<https://www.brasildefatodf.com.br/2024/10/09/um-ano-de-vitorias-da-resistencia-heroica-de-gaza>